



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISABELA LIMA PRONSATE

ENTRAVE MEXICANO: CICLO DE VIOLAÇÕES CONTRA MULHERES
MIGRANTES DO TRIÂNGULO NORTE

SÃO PAULO

2022

ISABELA LIMA PRONSATE

**ENTRAVE MEXICANO:
CICLO DE VIOLAÇÕES CONTRA MULHERES MIGRANTES DO TRIÂNGULO
NORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Bruno Huberman

São Paulo

2022

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas estiveram direta ou indiretamente envolvidas no desenvolvimento desta pesquisa. Acredito que eu seja um punhado de todas estas diversas contribuições que moldaram o que entendo hoje como valores e princípios, bem como a maneira como escrevo e os meus interesses de análise.

Sou grata, primeiramente, aos meus pais, Ademilson Pronsate e Fernanda Lima, que sempre me apoiaram a estudar e perseguir aquilo que almejo. Agradeço a eles por sempre terem me incentivado a nutrir a vontade genuína de entender os porquês. Minha irmã Sabrina também foi um ponto de apoio essencial ao longo desta pesquisa, sempre solidária e compreensiva nas diversas vezes que precisei de sua ajuda. Agradeço também ao meu companheiro Junior, com o qual tive inúmeras conversas sobre as mais variadas aulas e interesses que foram me instigando ao longo da graduação. Obrigada por ter ouvido minhas divagações, pelas trocas e pelo incentivo constante.

Agradeço ao meu orientador, Bruno Huberman, por todo suporte e apoio para que este trabalho pudesse ser concluído. Sou grata a todos os comentários, considerações e conversas. Elas foram muito fluidas e instigantes e, por outro lado, seguiram um rigor técnico e acadêmico que me levaram a buscar elaborar um trabalho qualificado. Obrigada por ter doado seu tempo para ler cada palavra escrita neste excerto.

Agradeço também a duas professoras que foram essenciais para a minha trajetória acadêmica, sendo elas a Janaína Barros, que influenciou a minha paixão pela escrita, e a Claudia Marconi, essencial na minha escolha pela graduação em Relações Internacionais.

Sou grata também às políticas públicas de fomento à educação. Sem a existência destes programas de incentivo eu certamente não teria ingressado no curso de Relações Internacionais na PUC-SP. Espero que essas políticas possam sempre ser fortalecidas para que cada vez mais estudantes tenham acesso a uma formação crítica e de qualidade.

Por fim, agradeço aos meus demais familiares, amigos e a todos os meus professores, que direta ou indiretamente moldaram a minha forma de pensar e refletir a sociedade em que estamos inseridos.

“O Estado opressor é um macho estuprador”¹

O estuprador é você

São os policiais, os juízes, o Estado, o presidente

O patriarcado é um juiz que nos julga por nascer

E nosso castigo é a violência que se vê

É o feminicídio, a impunidade para o meu assassino

É o desaparecimento, é o estupro

E a culpa não era minha, nem de onde estava, nem do que vestia

O estuprador é você

São os policiais, os juízes, o Estado, o presidente

O Estado opressor é um macho estuprador.

¹ PRIMONT, D. "Un violador en tu camino": voici les paroles en français du chant féministe chilien devenu hymne mondial. France Inter, 10 dez. 2019.

RESUMO

Esta pesquisa tem como propósito analisar o ciclo de violações que vivenciam mulheres provenientes do Triângulo Norte no território mexicano, cujos entraves têm influenciado o surgimento e atuação de diversos atores legais e ilegais no que tange esta travessia, dificultando-a para que não ocorra de forma consentida. Ao fazer isso, o efeito não se traduz no interrompimento das migrações, mas faz com que elas ocorram às margens, de forma precária, envoltas por inúmeros riscos e com custos muito altos. Este cenário atinge de forma particular as mulheres, já que ao longo da trajetória elas experienciam diversas formas de violência. A pesquisa baseou-se em uma extensa revisão bibliográfica e tem como recorte temporal meados dos anos 2000 e a década de 2010, período no qual observa-se um aumento na militarização das fronteiras. Ao longo da pesquisa, o argumento central é de que estas forças, tanto lícitas quanto ilícitas, atuam de forma paralela com o objetivo de frear os deslocamentos.

Palavras-chave: migração; mulheres; violações; fronteira; coiotes.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the cycle of violations which women from the Northern Triangle experience in Mexican territory, whose hindrances have influenced the emergence and action of several legal and illegal actors regarding this crossing, making it difficult in order to not let it occur in a consensual way. By doing so, the effect is not translated into the interruption of migrations, but causes them to occur on the margins, in a precarious way, surrounded by countless risks and taking very high costs. This scenario affects women in a very particular manner, as they experience different forms of violence along the path. The research took basis on an extensive bibliographic review and has as a time frame the mid-2000s and the 2010s, a period in which an increase in the militarization of borders is observed. Throughout the research, the main argument is that these forces, both licit and illicit, act in parallel with the aim of curbing displacements.

Key-words: migration; women; violations; border; coyotes.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Homicídios diários no Triângulo Norte.....	25
Tabela 2 – Migração anual estimada desde o Triângulo Norte até os Estados Unidos.....	26

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Razões para Migração por Gênero.....	33
---	-----------

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Migrantes tentando fugir após uma incursão policial.....	35
--	-----------

SUMÁRIO

1) INTRODUÇÃO	8
2) REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1) FRONTEIRAS	11
2.2) COIOTES	13
2.3) GÊNERO	17
3) HISTÓRIA	22
3.1) CONTEXTO LOCAL DO TNAC	22
3.2) RELAÇÃO MÉXICO-EUA	27
4) ESTUDO DE CASO	32
5) CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
6) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1) INTRODUÇÃO

Na América Central, é possível dizer que as migrações estiveram muito presentes neste último século, pensadas a partir de uma combinação de dinâmicas associadas à instabilidade política e economias inconstantes. Marcados pelas guerras civis e repressões militares, nas últimas décadas do século XX, os países centroamericanos viveram uma crescente onda migratória. Após 1990, os motivos ganharam uma racionalidade econômica, tendo em vista a precariedade do mercado regional e a demanda externa por mão de obra barata.

Os anos 2000, por sua vez, vivenciam uma nova onda migratória marcada, além das razões econômicas, pela violência e insegurança, resultantes da globalização intensa e a consolidação do crime organizado transnacional. Como a pesquisa apontará, este cenário tem contribuído para um aumento nas taxas migratórias e, conseqüentemente, estratégias de contenção por parte do México e dos Estados Unidos. Um retrato deste contexto se reflete, por exemplo, na fala da atual vice-presidente estadunidense Kamala Harris em sua primeira viagem externa após a posse. Em território guatemalteco, Harris deu seu recado dizendo para a população não ir para os Estados Unidos. Segundo ela, a travessia rumo ao norte é perigosa e benéfica principalmente para os traficantes de pessoas e que, se ainda assim as pessoas tentassem migrar, seriam deportadas, pois os Estados Unidos iriam continuar a reforçar suas leis e proteger suas fronteiras (BBC, 2021).

A partir de uma metodologia qualitativa baseada em uma extensa revisão bibliográfica, a pesquisa mostra ainda uma exacerbação deste cenário desde meados de 2009 em diante. Isso ocorreu devido ao aumento dos obstáculos legais e ilegais para realização dos cruzamentos, o que teve como consequência a maior presença de coiotes. As estratégias de contenção perpassam também por questões de gênero, pois entende-se que hoje são praticadas diversas violações contra as mulheres migrantes em trânsito, partindo de atores diversos sendo eles estatais e não-estatais. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo analisar as violências perpetradas por agentes estatais e não estatais contra mulheres migrantes pertencentes ao Triângulo Norte da América Central (TNAC), correspondentes aos países Honduras, El Salvador e Guatemala, em trânsito no México. A pergunta principal que esta pesquisa almeja responder é: de que forma forças ilícitas atuam no ciclo de violações contra estas mulheres migrantes, em especial de 2009 em diante, após o avanço da militarização das fronteiras?

Ao longo da pesquisa, o argumento central é de que estas forças, tanto lícitas quanto ilícitas, atuam de forma paralela com o objetivo de frear os deslocamentos. Promovendo uma série de violações, as consequências são devastadoras para aqueles que migram. Em trânsito, seus corpos são expostos a violações e seus pertences são colocados em risco, gerando uma série de traumas e eventuais falecimentos. Ao longo do tempo, todo este cenário de violações por diversos atores compõe uma imagem do que constitui a migração no território mexicano, fazendo com que aqueles e aquelas que pensam em sair dos seus países de origem pensem duas vezes antes de fazê-lo. Contudo, o contexto local é tão violento que, mesmo sabendo de todos estes riscos, eles ainda assim decidem migrar.

Para contextualizar estas questões, a pesquisa se dividirá em três frentes. A princípio, pretende-se coletar a literatura existente no que tange a presença de agentes estatais atuantes no território mexicano e, por outro lado, a existência massiva de atores não estatais. Dentro do espectro deste último, há uma grande variedade de atores abrangendo organizações não-governamentais e instituições religiosas, bem como indústrias ilícitas. Este trabalho em específico pretende focar-se em uma força ilícita, sendo ela os contrabandistas dos migrantes – conhecidos como coioetes – e como estes se relacionam com as forças oficiais de Estado.

Os objetivos específicos do primeiro tópico é identificar: i) quais atores estão em jogo, propondo nesse sentido uma análise descritiva e investigativa; ii) de que forma os atores estatais e não estatais se coordenam e como se dá a relação entre eles na orquestra de violências perpetradas contra mulheres migrantes, considerando este contexto de securitização e contenção migratória; e, por fim, iii) quais violações são efetuadas. A partir do desenvolvimento da literatura, pretende-se demonstrar como esse mercado ilegal de violações por parte dos coioetes através da fronteira se consolidou diante da militarização pela influência dos EUA. Para tanto, o estudo terá como foco os anos 2000, em especial de 2009 em diante, período no qual observou-se a consolidação e ampliação destes grupos contrabandistas.

Em um segundo tópico da pesquisa, pretende-se analisar dois aspectos. O primeiro deles refere-se à situação doméstica dos países de origem, buscando compreender as razões que as levam a migrar. O segundo, refere-se à relação entre México, território pelo qual o grupo de análise cruza, e os Estados Unidos, país onde este público almeja se fixar. Neste tópico, a pesquisa intenciona analisar as estruturas históricas entre os dois países e

em que medida elas ressoam no surgimento e eclosão de atores, os quais visam ora a contenção migratória ora seu florescimento.

O último tópico da pesquisa tem como intenção construir um estudo de caso, tendo em perspectiva os desafios enfrentados pelas mulheres migrantes provenientes do Triângulo Norte em deslocamento pelo México. A pesquisa terá este recorte devido à particularidade dos desafios enfrentados por elas em relação aos demais, tendo em vista a exposição a violências de gênero, como abusos sexuais, espancamentos e discriminações. Como a pesquisa pretende revelar, os desafios enfrentados por este grupo não se encerram nos seus países de origem, mas permanecem enquanto elas migram de maneiras variadas e marcadas pelo gênero. Logo, o gênero surge como uma variável que dificulta ainda mais a trajetória das mulheres migrantes centro-americanas em comparação aos homens que as acompanham.

O objetivo deste esforço será melhor compreender quais são as adversidades enfrentadas por estas mulheres migrantes em situação de vulnerabilidade e trânsito, trazendo à tona os possíveis percalços de cada território local percorrido. A análise terá como ponto de partida o cenário doméstico dos países de origem, passando pelos desafios enfrentados no território mexicano, e terá como ponto de término a fronteira sul dos Estados Unidos, região em que se observam diversas violações de gênero.

2) REVISÃO DE LITERATURA

2.1) FRONTEIRAS

Perspectivas históricas demonstram que a migração constitui um aspecto normal da vida social ao longo dos tempos, desde a Antiguidade até os dias de hoje. Como aponta Castles (2010), “o ritmo acelerado das mudanças, interligado ao desenvolvimento do mercado capitalista mundial, desde o século 16, foi a razão da expansão das migrações – especialmente de longas distâncias”. A partir de então, com a criação de meios de transporte mais eficientes para locomoção à longa distância, os deslocamentos foram facilitados e cresceram vertiginosamente com o passar dos séculos, culminando em índices expressivos no século XX. Em relação a este, é possível mencionar tanto a fuga da miséria, violência e perseguição devido às duas Grandes Guerras que ocorreram no continente europeu, mas também o cenário neoliberal que incentivou fortemente o avanço e manutenção deste sistema migratório.

Pensando na continuidade deste cenário e tendo como base os dados da OIM (2020), estima-se que no mundo existem hoje cerca de 272 milhões de migrantes internacionais - quase dois terços deles sendo migrantes laborais. Esse número é equivalente a 3,5% da população mundial ou à população da Indonésia, o qual ocupa hoje a posição de quarto país mais populoso do mundo. É um número expressivo quando pensado quantitativamente, mas não é de fato numeroso tendo em perspectiva a proporção mundial. Como destaca Castles (2010), a utopia pós-moderna de um mundo de mobilidade sem fronteiras ainda não alvoreceu e, assim, ainda parece apropriado abordar as migrações como processos baseados na desigualdade e discriminação, bem como controlados e limitados pelos Estados.

O autor ainda afirma que “desde os anos 70, a globalização neoliberal conduziu a uma desigualdade econômica e à centralização da riqueza e do poder nas mãos dos dominadores ‘países desenvolvidos’ do Norte” (CASTLES, 2010, p. 14). É possível dizer que esta desigualdade entre os países propiciou a criação de economias de mercado atrativas para a proliferação das migrações, tendo em vista que, em contraposição, os países do Sul viam-se com economias cada vez mais frágeis e um cenário doméstico cada vez mais violento.

Há de se pensar, no entanto, de que forma este deslocamento é visto dependendo do migrante ao qual se refere, pois, como demonstra Castles (2010), “profissionais latino-americanos entraram no esquema da fuga de cérebros sul-norte, enquanto os trabalhadores menos hábeis buscam a migração frequentemente em condições de irregularidade, insegurança e exploração” (CASTLES, 2010, p. 14).

Nesse sentido, em relação a América Latina e Caribe como um todo, é possível notar um crescimento elevado nas estatísticas de deslocamento. Segundo relatório da OIM (2019), a população residente na América do Norte em 1990 proveniente desta região era cerca de 10 milhões. Em 2015, passou a ser 25.5 milhões e 26.6 milhões em 2019. É possível dizer que este aumento significativo no número de deslocamentos está relacionado a situações de violência e pobreza nos países de origem.

Os fluxos migratórios irregulares da região são dinâmicos e cada vez mais complexos e diversos, afetando diretamente os centroamericanos. Em relação à fronteira México-EUA, por exemplo, por muito tempo os mexicanos representaram a grande maioria dos deslocados indocumentados detentos ao tentar cruzar a fronteira. No entanto, nos últimos anos o cenário tem mudado, visto que as detenções dos migrantes procedentes da região do Triângulo Norte têm superado a dos mexicanos na fronteira deste país com os EUA (OIM, 2019).

São inúmeros os desafios ao longo do percurso através do México. Como aponta Domenech (2020, p. 61),

o território mexicano é um centro nevrálgico da mobilidade migratória terrestre com destino aos Estados Unidos. Sua posição geográfica o tornou um país de intenso trânsito migratório da América Latina e Caribe para a América do Norte, em especial daqueles procedentes do chamado triângulo setentrional da América Central (Guatemala, Honduras e El Salvador), que compõem a maioria dos deslocamentos.

O título de *fronteira vertical* dedicado ao país não é ao acaso, considerando a quantidade de pessoas que cruzam o território com o objetivo de chegar aos EUA. Mas não é apenas sobre a quantidade de migrantes que o título trata. Devemos também levar em consideração o brutal controle migratório implementado pelo governo com forte presença dos Estados Unidos. É possível mencionar a intensificação das operações de controle, bem

como a proliferação de centros de detenção ao longo de todo o território nacional, os quais corroboram a ideia de *fronteira vertical*.

Entrevistas realizadas com coiotes e publicadas nas mídias revelam denúncias de maus tratos praticados por autoridades mexicanas com os centroamericanos, cujas práticas passam longe do acolhimento e se aproximam da humilhação e da violação de direitos. De acordo com o relato deste coiote que concedeu entrevista ao jornal *El Nuevo Herald* (2022), o México tem se convertido em um “novo muro dos Estados Unidos”. Segundo ele, “agora a migração dos Estados Unidos está trabalhando com a migração do México. Fora isso, está o exército, a Guarda Nacional, a polícia municipal, a polícia estatal, a polícia fronteira”. Em suma, todos atuando de forma a dificultar a mobilidade dos migrantes, que está cada vez mais perigosa e raramente exitosa sem a assistência de coiotes.

Para além disso, observa-se um jogo de interesses por parte de coiotes e de grupos criminosos organizados presentes no território mexicano. Seja para extorquir, traficar ou sequestrar estas pessoas, há uma série de interesses em questão, e, em paralelo, uma série de vulnerabilidades por parte dos indivíduos migrantes.

2.2) COIOTES

A migração de pessoas vulneráveis e em busca de melhores oportunidades de vida, muitas vezes, não é desejada pelos países receptores. Cria-se dentro deste cenário uma narrativa de ameaça em torno destes indivíduos que cruzam fronteiras, colocando-os como um símbolo da insegurança nacional. Os fluxos, neste sentido, passam a ser vistos como crises que quebram com a ordem social pré-estabelecida.

É possível mencionar, por exemplo, a recente declaração do prefeito de Nova York, Eric Adams, no dia 07 de outubro de 2022, manifestando ‘estado de emergência’ diante da situação de crise derivada do influxo de migrantes recebidos. Nas palavras de Adams, “os nova-iorquinos estão com raiva. Eu também estou com raiva. Nós não pedimos isso. Nunca houve nenhum acordo para assumir o trabalho de apoiar milhares de requerentes de asilo” (BBC, 2022).

Essa indesejabilidade dos países em receber migrantes tem sido notada há séculos. Como pontua Martuscelli (2016, p. 120), as migrações são securitizadas há pelo menos 150 anos. Esse processo, porém, se intensificou nos anos 1990, fazendo com o fenômeno

deixasse de ser tratado apenas no nível de política interna dos países, mas se estendendo às relações internacionais, até ser considerado um problema global da humanidade.

Com a entrada do novo milênio e o ataque às Torres Gêmeas em 2001, o que já era uma problemática se intensificou, de modo que os deslocados fossem cada vez mais vistos como sinônimos de ameaça e distúrbio. Como relata Irina Ghughunishvili (2010 *apud* Oliveira, 2014, p. 13), “a securitização é uma construção do medo, podendo ser considerada uma versão extrema da politização”. A partir deste cenário doméstico turbulento, criou-se nos Estados Unidos uma narrativa política do medo ao imigrante, o qual deixa de ser visto como uma pessoa em busca de melhores oportunidades de vida, mas enquanto um criminoso com intenções cruéis. É esta narrativa que dá aval político à securitização intensiva das fronteiras.

Segundo Oliveira (2014, p. 12),

Apesar de observarem por prismas diversos, as correntes relativas ao estudo da segurança definem ameaça como algo externo, um perigo exterior. [...] Até 11 de Setembro de 2001, a ameaça tinha de ser real ou ao menos iminente, contudo, naquela data este conceito ganhou outras interpretações.

Nesse sentido, a partir de 2001, a interpretação vigente é a de que não se necessitava mais de uma ameaça iminente. Bastava, portanto, a desconfiança de uma ameaça para congelar os avanços nas pautas migratórias. Em contraposição, legitimava-se o aumento do uso da força, a militarização das fronteiras e a criminalização de seres humanos.

Martuscelli (2016, p. 122) traz luz à figura do imigrante que se cria depois do 11 de setembro, em clara associação ao terrorismo, como um inimigo altamente perigoso, difuso e difícil de combater pelos meios tradicionais. Assim, partindo deste pressuposto da figura abstrata do terrorista, justificou-se nos EUA e em demais países desenvolvidos a adoção de uma série de medidas para restringir as imigrações, principalmente as indocumentadas: houve a reestruturação do aparato burocrático e administrativo; a implementação de novos sistemas de informação e identificação; o aumento do controle fronteiriço; maiores controles migratórios internos e o fortalecimento da cooperação interestatal e interregional.

Todas estas iniciativas foram tomadas com o intuito de dificultar o deslocamento e desincentivar que este fosse realizado. Com todas estas reformulações, os migrantes passaram a entrar cada vez mais na esfera da irregularidade, a qual passou a ser sinônimo de ilegalidade, fazendo com o imigrante indocumentado fosse considerado um criminoso a

ser punido. Corroborar para isso, como aponta Martuscelli, o fato de que a fronteira entre México e EUA seja a mais militarizada do mundo.

O presente trabalho, nesse sentido, tem por objetivo demonstrar como esta narrativa da ilegalidade contribuiu para o fortalecimento de atores não-estatais atuantes neste cenário do deslocamento. Parte-se do pressuposto de que as migrações, apesar de indesejáveis, não cessaram. Todavia, devido a este contexto de securitização, estabeleceu-se um mercado lucrativo da migração não institucionalizada e, portanto, clandestina. Em outras palavras, o intuito do excerto é demonstrar como esse mercado ilegal de tráfico de pessoas e a *coyotage* se consolidaram diante da militarização regional das fronteiras devido em especial a influência dos EUA, tendo como foco central a indústria ilícita do contrabando de migrantes muito instigada pelos coiotes atuantes na região.

Faz-se necessário apontar algumas das principais forças atuantes na região fronteira entre México e EUA. Como Campbell (p. 1382, 2016, tradução nossa) afirma,

em espaços onde poderosos regimes ilícitos existem, como a região de fronteira entre EUA-México, o Estado não é o único ator em configurações de poder. Isso não significa ignorar o papel do Estado, nem negar o poder do tão discutido aparelho de fiscalização de fronteiras no lado dos EUA [...], em vez disso nosso objetivo é dar destaque aos produtos desta configuração única que alavanca outros atores poderosos.

Neste sentido, é possível mencionar duas principais forças atuantes. A primeira delas faz referência aos agentes estatais, detentores do aparato burocrático e poder militar oficial, cujas ações são legitimadas. A segunda delas refere-se à existência massiva de atores não estatais. Dentro do espectro deste último, há uma grande variedade abrangendo organizações não-governamentais e instituições religiosas e indústrias ilícitas. Este trabalho em específico pretende focar-se em uma força ilícita, sendo ela os contrabandistas dos migrantes - conhecidos como coiotes. Para Casillas (2016, p. 2), o coiote pode ser definido como um “produto das relações de mercado, pois, ao se apropriar da rota que o migrante fará, tem como objetivo lograr algum tipo de benefício econômico, material ou em espécie”. Dito de outra maneira, este ator é um produto da legalidade restritiva que incrementa a vulnerabilidade do migrante que cruza e que, na ausência deste cenário, a existência do coiote social não teria razão de ser. Faz-se ainda pertinente dissertar acerca

de sua relação com o narcotráfico, outra força ilícita extremamente relevante. Muitas vezes, estes atores criminosos se sobrepõem, interagem e se autogovernam.

Segundo a OIM (2019), migrantes contrabandeados são frequentemente vítimas de práticas predatórias que vão desde pedidos de suborno a sequestro em massa e extorsão. Migrantes também foram submetidos a execução, agressão física e sexual, tortura e desaparecimento; este é especialmente o caso do México, onde foi relatado que algumas redes de contrabando são frequentemente administradas por organizações de tráfico de drogas.

A intenção, no entanto, não é criar um modelo binário entre a governança estatal e não-estatal. Segundo Boyce (2015 *apud* Campbell, 2016, p. 1385), “existe uma situação de dois pólos, ligados um ao outro, e formados um pelo outro. Estado e atores não-estatais, suas práticas e performatividade estão conectadas”. Campbell (2016) ainda afirma que algumas formações de estado específicas, na verdade, criam regimes ilícitos diferentes e hierárquicos.

Este é o caso, por exemplo, quando pensamos na escalada de violência a partir dos anos 1990. Não por coincidência, foi nesta época que as migrações passaram a ser vistas cada vez mais pela ótica da securitização. Sanchez (2014 *apud* Campbell, 2016, p. 1390) aponta que

Enquanto contrabandistas humanos, guias, ou “facilitadores migratórios” têm claramente existido por décadas, pesquisadores têm amplamente concordado que a migração depois dos anos 1990 se tornou mais cara e perigosa com o advento de mais coiotes organizados.

A década de 1990 foi um divisor de águas, conforme relatado por um coiote experiente (CAMPBELL, 2016, p. 1390). De acordo com este relator, antes de 1990, bastava um aperto de mão para realizar negócio com os migrantes que cruzavam as fronteiras. Com a chegada da nova década e a hiper-militarização da fronteira EUA-México, os acordos ficaram mais perigosos e a violência mais presente. Contrabandistas tornaram-se cada vez mais profissionais, violentos e ligados ao narcotráfico.

2.3) GÊNERO

Vale pensar, nesse sentido, os desafios particulares que vivenciam as mulheres migrantes. Como destaca Cantalapiedra (2021, p. 211), dois aspectos se sobressaem quando pensamos nos estudos centrados nas mulheres, sendo eles a vulnerabilidade e o risco. O consenso acadêmico é de que, à vulnerabilidade que sofrem os migrantes em situação irregular, é preciso adicionar uma consideração adicional no caso das mulheres.

A vulnerabilidade é, *per si*, um constructo social. Conforme Agier (2006) sinaliza, são quinze as categorias de vulnerabilidade² oficialmente reconhecidas pelo ACNUR, sendo elas definidas de acordo com um amplo leque que distingue as causalidades físicas das sociais. De uma maneira geral, o número de “vulneráveis” cresce na medida em que se parte menos dos aspectos físicos dos indivíduos e mais dos aspectos sociais.

Em relação aos riscos e vulnerabilidades neste cenário mexicano em específico, é possível acrescentar agravantes, pensando não apenas nas características daqueles que migram, mas também nos desafios impostos pelo ambiente. Como destaca Cantalapiedra (2021, p. 212), a violência e vitimização que as mulheres sofrem provém de criminosos, coíotes, agentes estatais e inclusive por parte dos familiares que as acompanham, levando-as a adotar estratégias migratórias que diferem daquelas adotadas por homens.

Pode-se dizer que, a partir desse compartilhamento de poder, as violações perpetradas contra grupos vulneráveis, em particular às mulheres centroamericanas em trânsito no México, tornam-se invisibilizadas. Pelo fato de serem perpetradas pelos próprios agentes governamentais, as vítimas também se veem em um estado de impotência, já que não encontram espaços de denúncia seguros, entrando em permanente desconfiança e insegurança.

Como aponta López (2016, p. 69, tradução nossa), é complexo pensar nas exposições às quais as mulheres migrantes estão sujeitas, pois

desde que se iniciou o estudo deste tipo de migração no México se pensou que os riscos mais importantes que esta população enfrentava se associavam com o cruzamento de selvas ou desertos e os frequentes acidentes que ocorrem no trem,

² São elas: “Progenitor sozinho”; “Mulher sozinha”; “Criança não acompanhada”; “Criança separada”; “Criança chefe de família”; “Criança perdida”; “Pessoa idosa encarregada de menores”; “Pessoa idosa sozinha”; “Doente mental”; “Deficiente físico”; “Amputado”; “Doente crônico”; “Surdo e/ou mudo”; “Cego”; “Sobrevivente de violência”.

entre eles torções, fraturas, mutilações de membros ou morte. Depois, a preocupação se centrou nas violações de tipo processual, maus tratos, detenções nas estações migratórias e distintos abusos em matéria laboral. Agora, a preocupação vai se encaminhando para uma nova ameaça à seguridade e integridade, em modalidades como o sequestro e a extorsão, que muitas vezes envolvem tortura, abuso sexual e assassinato.

A vulnerabilidade corporal de tais indivíduos é acentuada neste contexto de securitização e contenção migratória, especialmente em períodos rígidos quanto à ilegalização da migração indocumentada e um regime de deportação massivo (Estéves, 2018, p. 6). Segundo Vergès (2021, p. 106),

são os mais vulneráveis que representam o perigo - trabalhadores/as do sexo, pessoas trans, pobres e racializadas -, e as leis estão aí para excluir essas pessoas. Em nome da proteção das mulheres, o feminismo carcerário abolicionista oferece um vocabulário e uma ideologia nos quais palavras como periculosidade, lógica securitária, crime, criminoso/a organizam todo o discurso.

Toda esta lógica narrativa de quem deve ser protegido e quem deve ser excluído constrói-se a partir de um mesmo ponto de partida, tendo em vista aqueles que merecem esta proteção e quem não está à altura dela, em especial quando falamos sobre corpos racializados, pobres, vulneráveis e partindo do Sul Global. Desenvolve-se então uma construção securitizadora para afastar estas pessoas, partindo do pressuposto de que são indivíduos perigosos que querem causar danos à sociedade.

Como aponta Vergès (2021, p. 50), “a proliferação de medidas, leis e declarações voltadas para a proteção de mulheres e crianças paralelamente à precarização, à vulnerabilização e ao aumento da violência contra mulheres e crianças não é um paradoxo”. Na verdade, esta coexistência se dá devido a escolhas políticas que traçam uma fronteira entre estas duas construções de mulher - aquelas que têm direito à proteção e as que são excluídas.

Dentro do sistema capitalista neoliberal conforme concebemos hoje, é possível dizer que aquelas que são excluídas, exploradas e colocadas à margem social pertencem ao Sul global. Estas mulheres não se inserem no discurso de proteção aos vulneráveis, mas são, em contrapartida, mais exploradas do que outros indivíduos partindo de uma perspectiva da violência baseada em gênero.

No caso das mulheres centroamericanas em trânsito no território mexicano, a exposição vem de diferentes esferas. Frequentemente, são vítimas tanto de agentes fiscalizadores amparados pelo Estado quanto de aliciadores e coiores e vão cruzando o território muitas vezes de forma invisibilizada e traumática.

Para pensar neste grupo, é necessário acrescentarmos outras características que compõem as individualidades destas mulheres, pois o gênero não é a única categoria analítica que determina o exercício de poder e relações de dominação (OLMEDO e SAMPÓ, 2021). Além desta, diversas outras categorias sociais compõem os indivíduos e, para tanto, não podemos deixar de considerar as premissas ocidentais de racialização e segregação.

Nesse sentido, o conceito de interseccionalidade se faz muito pertinente. Como aponta Goikoetxea (2017, p. 74), este nos “permite analisar a relação em que distintas formas de categorização e diferenciação - como gênero, etnicidade, sexualidade, classe, posição de cidadania, diversidade funcional, idade e nível educacional, estão imbricados de maneira complexa nos processos de dominação”.

Para a análise que a presente pesquisa propõe, partir deste conceito é relevante considerando em especial a origem destas mulheres centroamericanas e as categorias sociais em que elas estão inseridas. Pressupõe-se que a contenção e as violências que elas sofrem ao longo do processo migratório estejam ligadas a fatores de raça, classe, etnia, sexualidade e entre outros.

Em relação às violências, é possível dizer que a mobilidade em si mesma é arriscada. Como apontam Olmedo e Sampó (2021, p. 3), “mulheres que começam suas jornadas por métodos clandestinos estão expostas a maiores violências e isso explica porquê o contrabando de migrantes se torna uma situação de tráfico humano”.

A relação migrante-coiote deveria ser uma simples transação comercial entre aquele que deseja chegar em um território e o outro que sabe como fazer isso burlando os sistemas de controle. Esta situação de ilegalidade, no entanto, dá margem a muitas violações. Por exemplo, a exploração laboral ou sexual destas mulheres, independente do débito ser ou não pago.

É possível mencionar diversas razões que levam estas mulheres à situação de vulnerabilidade e exposição. Um destes entraves é a falta de documentação local no território mexicano, cuja diretriz oficial, como já abordado, parte muito mais da contenção

do que do acolhimento. Isso leva as mulheres à clandestinidade e ao medo de serem deportadas caso denunciem situações de violação às autoridades.

Outro fator muito importante, que se faz central para o presente estudo, é a violência constante em toda jornada ao longo do México. Como apontam Olmedo e Sampó (2021, p. 8), “elas podem ser abusadas por companheiros de viagem, por autoridades da migração, por coiotes ou traficantes, o que evidencia a masculinidade violenta do sistema migratório centroamericano por completo”. Ainda de acordo com as autoras, durante a travessia as mulheres migrantes estão expostas a diferentes tipos de violência, sendo elas: i) violência econômica, devido aos débitos feitos com os contrabandistas; ii) violência física, ligada às discriminações por grupos que as interceptam ao longo da jornada; iii) violência sexual, seja por serem abusadas e estupradas ou ainda devido a chantagens e favores sexuais em troca de certa proteção; iv) violência psicológica, expressa no estresse diário pelo fato de não saberem se serão deportadas, sequestradas, assassinadas ou estupradas; v) violência simbólica, que se refere à violência simbólica que elas sofrem por serem mulheres e, em muitos casos, indígenas e mestiças, o que leva à discriminação por parte de habitantes locais e também autoridades do Estado (OLMEDO e SAMPÓ, 2021, p. 8; MSF, 2020, p. 13).

Ainda de acordo com as autoras Olmedo e Sampó (2021, p. 9),

tanto o México quanto os EUA intensificaram a vigilância, especialmente nas rotas de migração tradicionalmente irregulares. No entanto, longe de conter o problema, os perigos para as migrantes aumentam, ao passo que políticas restritivas as obrigam a usar diferentes estratégias de migração, longe das rotas tradicionais, o que as expõe a maiores riscos de violação e medos durante a jornada.

Nesse sentido, a militarização das fronteiras e as políticas de contenção cada vez mais presentes nos postos de controle tem levado ao uso de diferentes rotas migratórias. Estas rotas, por sua vez, contam com a presença massiva de coiotes e, em contrapartida, com a ausência de eventuais organizações da sociedade civil e instrumentos de regulação oficiais, tendo por consequência a exposição das mulheres a um contexto de submissão inegociável.

Faz-se necessário, portanto, visualizar estes fluxos para além da ameaça à segurança doméstica e políticas de controle de fronteiras, pois isto tem aumentado a marginalização

desses grupos migrantes, colocando-os em situações de risco. Segundo Vergès (2021, p. 43),

combater as violências cometidas contra as mulheres sem levar em conta a militarização da proteção e a construção de classes e raças perigosas, que legitima o recurso a mais vigilância e controle por parte das empresas privadas terceirizadas pelo Estado ou do próprio Estado, equivale a ser cúmplice de tudo isso.

Tendo em vista o que já foi pontuado, é possível perceber a confluência de interesses entre Estados Unidos e México, os quais buscam de forma paralela conter os migrantes centroamericanos. A presente pesquisa, neste sentido, propõe evidenciar como estes atores se relacionam visando lucrar com estes corpos e quais estratégias estes indivíduos desenvolvem para desafiar este sistema.

3) HISTÓRIA

Propõe-se, em primeiro lugar, realizar uma contextualização histórica dos países de onde as migrantes provêm, buscando abordar brevemente a série de intervenções externas, compreendendo em especial os anos 2000, que levaram os países Honduras, El Salvador e Guatemala a apresentarem governos frágeis e instáveis nos últimos anos. Esta fragilidade na governabilidade dos países teve como consequência uma continuidade recorde de violações da população local e um alavancamento das *maras*, levando a fluxos migratórios intensos.

Em um segundo momento, pretende-se abordar a relação México-EUA, buscando visualizar as consequências históricas que moldaram o cenário atual entre os dois territórios, abrangendo desde o século XIX até a história mais recente do século XXI. A retomada cronológica dos dois últimos séculos visa compreender os avanços e motivos da atual política externa entre os dois países, ambos colaborativos no que diz respeito à contenção migratória.

3.1) CONTEXTO LOCAL DO TNAC

A região do Triângulo Norte da América Central (TNAC), composta por Honduras, El Salvador e Guatemala é hoje vista como uma das mais violentas do mundo, tendo como consequência um alto fluxo migratório para o México e Estados Unidos. O contexto local de tais países é hoje envolto por crises sociais profundas. Marcados pela influência das *maras* e uma instabilidade econômica latente, a população vive um ciclo de violência constante.

Pensando em termos históricos, é possível dizer que os movimentos revolucionários das décadas de 1970 e 1980 conseguiram extirpar as ditaduras civis-militares e abrir os sistemas políticos à competição eleitoral. No entanto, foram incapazes de alcançar qualquer justiça social substancial ou democratização da ordem socioeconômica (ROBINSON, 2019).

As políticas neoliberais que tiveram início nos anos 1990 levaram a região a modificar suas estruturas econômicas. Nesse sentido, os países expandiram operações extrativistas, agroindustriais, complexos de turismo e conglomerados, rompendo com os

comerciantes locais e propagando uma cultura de massa. O capitalismo transnacional criou raízes no Triângulo Norte e forjou uma hegemonia neoliberal marcada pelo acirramento das desigualdades sociais, privatizações e austeridade, desencadeando ondas de emigração em massa.

Na Guatemala, as operações militares que ocorreram entre 1978 e 1985 com extrema brutalidade resultaram em milhares de mortos e mais de 626 massacres contra a população indígena (OETTLER, 2006). Estes dados revelam um passado recente, se considerarmos a historicidade de violências constantes que infelizmente não ficaram para trás. É possível dizer que os países do TNAC se apresentam hoje como sociedades desestruturadas, marcadas pela presença de gangues, crescentes tensões políticas, perseguição a minorias e extrema pobreza.

O ACNUR considera que a maioria das pessoas originárias do TNAC podem se qualificar como refugiadas³. A situação de crises em que se encontram os países, sendo estas não apenas econômicas, mas também políticas e sociais, provocam perseguições e violações de direitos. A própria Declaração de Cartagena sobre os Refugiados⁴ é um reflexo deste cenário político. Adotada em 1984, o documento reflete em todo seu conteúdo sobre o contexto centro-americano e é estabelecida devido às novas dimensões que os conflitos levaram, os quais estavam dimensionados nas definições pré-estabelecidas.

Todo este contexto levou a uma dependência dos países centroamericanos do Triângulo Norte ao mercado internacional, o que os prejudicou bastante, em especial após a crise mundial de 2008. Em relação à dívida externa, por exemplo, observou-se um aumento de \$33 bilhões em 2005 para \$79 bilhões em 2018. Somado a isso, é possível mencionar também a insustentabilidade do mercado de trabalho, tendo em vista que 72% dos trabalhadores centroamericanos encontram-se em trabalhos precários, frequentemente na informalidade (ROBINSON, 2019). Os níveis salariais são baixos, resultantes de um modelo econômico baseado majoritariamente na agricultura, a qual depende de mão de

³ O conceito de refugiado, definido pelo ACNUR (1984), refere-se a “pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados”.

⁴ Adotada pelo “Colóquio sobre Proteção Internacional dos Refugiados na América Central, México e Panamá: Problemas Jurídicos e Humanitários”, realizado em Cartagena, Colômbia, entre 19 e 22 de Novembro de 1984.

obra não qualificada e mal paga. Como aponta Robinson (2019), esse cenário ajuda a explicar o crescimento na migração internacional, que praticamente dobrou de 2000 a 2017, quando atingiu 4,3 milhões.

Mas não apenas o cenário econômico foi determinante. A influência da globalização e do crime organizado transnacional também tiveram responsabilidade em torno deste aumento, em especial quando pensamos no século XXI. De acordo com Orozco (2018), “a onda migratória dos anos 2000 é marcada por contínuas necessidades econômicas, demandas externas por mão de obra estrangeira e, por fim, insegurança, sendo esta resultante da consolidação das redes do crime organizado transnacional”. Destaca-se a última década, tendo em vista que desde 2009 a região tem sofrido grandes mudanças associadas à insegurança e à violência. Pode-se mencionar, por exemplo, o golpe militar ocorrido em Honduras em 2009, bem como a expansão tanto de gangues particularmente violentas quanto das redes de narcotráfico em El Salvador e Guatemala.

Muitas vezes, inclusive, as pessoas migrantes justificam sua residência nos países de destino a partir da ótica do asilo político, visando escapar das redes de narcotráfico, gangues e extorsões. De acordo com um levantamento divulgado em 2017 pelo ACNUR, da totalidade de 8.781 pessoas que solicitaram asilo em 2016 no território mexicano, cerca de 91,6% eram provenientes do TNAC.

Como destaca García (2015), a violência continua sendo uma das características centrais da região, provocando verdadeiras devastações. Desde o início dos anos 2000 são contabilizados entre 40 e 38 homicídios por dia, somando as taxas dos três países. Estes são acompanhados por milhares de casos de extorsão por ano, intimidação e guerras por território disputados por cerca de 100.000 gangues - das quais mais da metade encontram-se em El Salvador (OROZCO, 2018). Guatemala, El Salvador e, ainda com maior intensidade, Honduras exibem altas taxas de homicídio doloso.

Segundo o ACNUR (2017),

A região do Triângulo Norte, compreendendo os países Guatemala, El Salvador e Honduras, sofre com altos níveis de violência provenientes de grupos criminosos organizados, incluindo um aumento sem precedentes nos índices de homicídios, violência sexual, desaparecimentos, recrutamento forçado nas gangues armadas e extorsão. Esta violência afeta uma ampla variedade de pessoas incluindo meninos e meninas, mulheres, assim como pessoas LGBTs.

Esta insegurança está obrigando um número crescente de indivíduos a fugir de seus lugares de origem e buscar proteção internacional.

Abaixo, é possível visualizar alguns dados sobre os homicídios e a presença de gangues locais nos três países do Triângulo Norte.

Tabela 1 – Homicídios diários no Triângulo Norte

COUNTRY	2009	2016	2017	2018a	YOUTH GANGS	EXTORTION	POLITICAL LANDSCAPE
El Salvador	12	14	11	11	60,000	42% of small businesses	Highly polarized, including human rights violations
Guatemala	18	12	12	10	15,000	At least 3 reported extortion cases a day.	Government on the brink of collapse from chronic political corruption
Honduras	14	14	10	13	36,000	At least 3 reported extortion cases a day.	Contested elections with questions of legitimacy, human rights violations

Fonte: OROZCO (2018, p. 5)

Todo este contexto tem intensificado drasticamente as migrações, tendo como destino em sua maioria os Estados Unidos. Em relação aos países analisados, em 2017, cerca de 89% dos migrantes salvadorenhos tiveram como destino os EUA. Para os guatemaltecos, esta taxa foi de 87% e aos hondurenhos 83%. Os três países somam as maiores taxas quando comparados às demais nações centroamericanas (OROZCO, 2018, p. 4).

Apesar de comporem uma parte expressiva da quantidade de imigrantes em direção aos Estados Unidos, este cenário não se traduziu em um aumento significativo entre os anos de 2009 e 2017, cujo crescimento foi de 1,9% (OROZCO, 2018, p. 7). Abaixo, é possível observar o cenário ao longo destes anos, referente à evolução das migrações, notando uma diminuição nas taxas.

Tabela 2 – Migração anual estimada desde o Triângulo Norte até os Estados Unidos

YEAR	EL SALVADOR*	GUATEMALA	HONDURAS	NORTHERN TRIANGLE
2009	61,000	43,485	50,205	154,690
2016	42,455	48,954	60,513	151,922
2017	25,465	60,139	48,478	134,082
2018	26,547	67,069	58,492	152,108

Fonte: OROZCO, 2018. *Em 2009, 23% dos migrantes entraram nos EUA via autorização legal, e 61% em 2017.

Como aponta Orozco (2018), dois fatores fizeram com que estas taxas permanecessem retraídas. Primeiro, o controle migratório pode ter tido um efeito em termos de mais apreensões e dificuldades para entrar nos EUA, especialmente com autoridades mexicanas detendo migrantes em potencial. Em segundo lugar, tem havido um padrão constante de deportações.

Vale apontar, nesse sentido, que devido à crescente de deportações, os migrantes têm desenvolvido novas práticas de mobilidade humana e mobilização política, as quais se estabeleceram como “caravanas de migrantes”. Para Domenech (2020), as caravanas constituem uma manifestação concreta de transformações pelas quais atravessam os regimes fronteiriços das Américas do Norte e Central durante a última década. Elas representam um fenômeno que entrelaça processos e acontecimentos derivados de uma migração forçada e um trânsito terrestre moldado pela violência exercida por atores estatais e setores do crime organizado.

De acordo com a OIM (2019), a mais recente destas “caravanas migrantes” começou em Honduras em outubro de 2018. Como o relatório dispõe, “à medida que os migrantes hondurenhos avançavam para a fronteira México-Estados Unidos, outros milhares de migrantes de países como El Salvador e Guatemala se uniram ao grupo”. Configurando-se como uma estratégia frente à brutal securitização das autoridades fiscalizadoras em paralelo aos grupos criminosos, a caravana suscitou virulentos debates políticos nos Estados Unidos, país este que induziu o governo a deslocar mais de 7 mil militares em serviço ativo para a fronteira com o México (OIM, 2019, p. 104) - nos levando a novamente refletir sobre o “medo” estadunidense frente a onda de migrantes indocumentados em sua fronteira sul.

Migrantes caravaneiros, enquanto uma nova forma de transmigração, modificaram o regime de (in)visibilidade da migração em trânsito pelo corredor que se estende da América Central até a fronteira sul dos Estados Unidos (VARELA HUERTA; MCLEAN, 2019). Ao longo de um corredor migratório altamente estratificado, securitizado e militarizado, atravessado por múltiplas violências e riscos para sustentar a vida, com experiências marcadamente desiguais para homens, mulheres e gêneros dissidentes, as caravanas se tornaram uma estratégia de mobilidade para migrantes expostos à brutalidade e à arbitrariedade do controle de fronteiras e do crime organizado (DOMENECH, 2020).

Segundo Cantalapiedra (2020), embora não seja um fenômeno atípico do ponto de vista do número de migrantes, a forma como viajam juntos em grandes grupos e de forma tão visível é uma novidade. Observa-se que as caravanas têm mudado um pouco “as regras do jogo”, pois ao chamarem atenção devido ao volume de pessoas, elas reduzem as possibilidades de violações tanto por parte dos agentes fiscalizadores quanto dos grupos criminosos. Além disso, elas mostram-se ser importantes alternativas àqueles que não possuem recursos financeiros para custear a travessia por meio dos *coiotes*. Muitas vezes migram a pé e, para dormir, utilizam abrigos, barracas e outras instalações disponibilizadas a eles na estrada - o que acaba reduzindo bastante os possíveis custos e tornando-se uma estratégia mais acessível e segura.

3.2) RELAÇÃO MÉXICO-EUA

A história entre o México e os Estados Unidos, como aponta Meyer (1990), é envolta por uma marcante balança de poder desequilibrada. De acordo com o autor, “os Estados Unidos têm representado uma ameaça à segurança do México, potencial ou não, desde o começo do século XIX, mesmo antes do México ter alcançado sua independência” (MEYER, 1990, p. 252).

O autor destaca, nesse sentido, uma série de interesses centrais considerados sob ameaça estadunidense por mais de um século e meio. Meyer divide-os em sete categorias: 1) integridade territorial e soberania, 2) controle de fronteiras, 3) não-intervenção nos processos políticos internos, 4) independência econômica, 5) não-intervenção no que tange os direitos e as vidas de cidadãos americanos no México, 6) preservação do clima

geopolítico adjacente com a América Central e Caribenha e 7) identidade nacional. Para esta pesquisa em específico, os principais tópicos são os três primeiros.

Uma das questões mais sensíveis que perpassa a relação dos dois países é a territorial. A perda da guerra com os Estados Unidos em 1847 e o acordo de paz assinado no ano subsequente deixou um legado de medo permanente. Como González (1999 *apud* Délano e Cano, 2007) aponta, o Acordo de Guadalupe-Hidalgo (1848) e La Mesilla (1853), fizeram com que o México perdesse metade de seu território para os EUA e aproximadamente 1% de sua população. Até hoje, mesmo que a perda territorial não seja uma realidade possível na relação entre os dois países, este passado mantém-se importante para a memória coletiva do México e continua sendo um ponto de referência para a formulação de sua política externa.

Outra questão de suma relevância é a influência dos EUA no controle de sua fronteira sul, desafiando inclusive a soberania mexicana, para combater insurgentes. Em 1877, por exemplo, o Departamento de Guerra dos EUA ordenou que suas tropas se fixassem no Texas para cruzar a fronteira à vontade, sem a devida autorização do estado mexicano, com o objetivo de perseguir ladrões de gado e indígenas guerreiros (MEYER, 1990, p. 257). De modo geral, é uma situação que não se justifica considerando a soberania de cada Estado sobre seu próprio território. Todavia, devido à continuidade da pressão e a evidente balança de poder desequilibrada, o país mexicano não teve outra opção senão aceitar a passagem das tropas.

Ao longo do século XX, houve diferentes momentos que contribuíram para esta constante tensão. Meyer (1990, p. 258, tradução nossa) aponta que

de 1910 até meados de 1929, todos os tipos de pessoas, sendo elas documentadas ou não, animais, armas, munições, comida e outros bens transitaram pela fronteira com o intuito de aliviar os efeitos da guerra civil que o México experienciou durante aqueles anos. Em direção aos Estados Unidos, houve a negociação de *commodities* para pagar pelos suprimentos militares.

Outra questão que permeou as tensões entre os dois territórios foi o fluxo de drogas ilegais consumidas nos EUA, bem como a entrada de migrantes indocumentados que cruzam as fronteiras a fim de satisfazer o mercado ilegal, mas bem movimentado, de trabalhos informais e baratos, levando a fricções com Washigton. Esta realidade, portanto,

não é um cenário do século XXI apenas, mas perpassa toda a história das relações entre os países.

Como Wiesner e Barok (2020) indicam, trata-se de um processo que vem ganhando duras medidas, embasadas no argumento da soberania e segurança nacional. As autoras ressaltam que este processo foi acentuado entre o período da década de 1990 e início de 2000, período em que o México aderiu ao NAFTA. Moreira (2021), por sua vez, traz a dimensão para a década de 1970, quando o nexo entre migração e segurança já era um efeito das políticas hegemônicas dos EUA sobre drogas, crime organizado e fronteiras. À época, o presidente Nixon e seus diplomatas lançaram as políticas de guerra às drogas e passaram a mobilizar as instituições internacionais para combater o chamado crime organizado transnacional. O cenário tenciona na década de 1980, quando Reagan declara que o país havia perdido o controle de suas fronteiras, apontando como responsáveis não apenas as redes de narcotráfico operando a partir de países latino-americanos, mas os enormes fluxos migratórios que cruzavam a fronteira naquela década.

Esse contexto histórico é importante para entendermos a lógica das políticas que se seguiram aos ataques do 11 de setembro de 2001, bem como a construção do imaginário de insegurança que se sucedeu ao longo das décadas. Para Moreira (2021, p. 69),

a estratégia de segurança nacional inaugurada por George W. Bush não constituiu uma nova estratégia para uma nova situação geopolítica; ela na verdade incrementou, deu forma burocrática e legitimidade no plano internacional às estratégias que vinham sendo gestadas nas décadas anteriores.

A guerra ao terror constituiu, nesse sentido, uma continuidade da guerra às drogas impulsionada por Nixon na década de 1970, dando legitimidade à concepção do migrante indocumentado como um indivíduo perigoso, propenso a cometer atentado contra a segurança nacional, diante do qual se quer distância, afastando-o da noção de ser humano e, portanto, cuja vida não importa.

Por meio tanto da guerra às drogas quanto da guerra ao terror, os Estados Unidos têm procurado a regionalização das suas políticas de defesa. Tal prática é feita pela criação de leis com efeito extraterritorial que impõem padrões e modelos para lidar com problemas como crime organizado, narcotráfico, terrorismo e migração indocumentada (MOREIRA, 2021). Em relação ao controle dos fluxos migratórios, o México internalizou as políticas

utilizadas na sua fronteira com os EUA, aplicando a contenção de fluxos em todo o território do país, em suposto obstáculo à migração indocumentada.

A partir deste contexto de repulsão dos migrantes, compreende-se de forma mais clara os motivos que levam a violência contra os migrantes em trânsito pelo México, a militarização de toda a rota de migração, as prisões e deportações de migrantes nesse país, podendo-se analisar em maior profundidade adiante as relações entre atores estatais e não estatais nesta confluência de violações praticadas contra os migrantes centroamericanos.

Como Covarrubias (2015, p. 151) destaca,

a degradação da dignidade humana fica reduzida na sua mínima expressão: a mercadoria de quem só possui seu próprio corpo-trabalho para subsistir e, pior ainda, que se converte em um corpo que outros extorquem, comercializam e aniquilam.

Não por acaso, o corredor mexicano representa atualmente um dos espaços geográficos mais perigosos do mundo para o deslocamento de migrantes indocumentados, os quais afrontam riscos e perigos que os convertem em vítimas reais ou latentes da criminalidade e à centralização das autoridades. Trata-se de “um território convertido em um tampão virtual, sangrento e mortal, para aqueles que tentam chegar aos Estados Unidos” (VARELA HUERTA, 2015, p. 33).

Importante pontuar que este contexto de insegurança inerente à migração em trânsito no Estado mexicano deve ser compreendido em paralelo ao cenário político estadunidense, tendo em vista suas influências e pressões. A análise pretende, nesse sentido, compreender de que modo a dependência econômica e política do país latino em relação ao seu vizinho impacta nas políticas federais de contenção migratória, as quais não se constroem sozinhas e tampouco descontextualizadas.

Como destaca López (2016, p. 72), os atentados de 11 de setembro de 2001, que culminaram na queda das Torres Gêmeas em Nova York, tiveram como consequência estratégias de segurança que incluíam a militarização e tecnologização da fronteira mexicana, tendo como decorrência o desenvolvimento e a consolidação do negócio criminal que possui como mercadoria o próprio migrante, através de redes de traficantes e estelionatários.

Como busca-se argumentar, a existência de tantos atores não-estatais é também um produto desta militarização extensiva da fronteira por parte dos Estados Unidos, cuja gama

de recursos humanos e verbas para a contenção migratória ultrapassa a cada ano, tornando a região cada vez mais perigosa e violenta.

Nesse sentido, pretende-se abordar em especial uma política federal recente que sintetiza este padrão de tratamento dos Estados Unidos, já que historicamente o país busca maneiras de impossibilitar a entrada de migrantes centroamericanos em seu território. A política em questão é o Protocolo de Proteção ao Migrante (PPM), implementado durante o governo Donald Trump (2017 – 2021) como uma forma de contenção dos migrantes indocumentados em território norte-americano.

Como aponta Guimarães (2020), o protocolo estabelece a devolução ao México de imigrantes sem documentos detidos nos Estados Unidos, para que eles esperem lá a resposta a seu pedido de refúgio. Entende-se que a adoção desta medida tenha sido o ápice da aversão aos migrantes centroamericanos refletida em uma política de Estado, legitimando as deportações de uma população vulnerável e gerando dentro desta conjuntura uma série de violações de direitos humanos, para além daquelas já vivenciadas nos países de origem e deslocamento ao longo do território mexicano.

Até agora, 57 mil imigrantes foram devolvidos sob o PPM. Este cenário, no entanto, tem diversas implicações tendo em vista os inúmeros problemas decorrentes desta medida e diversas as possibilidades de violações. A região é palco de abusos sexuais e violências de gênero significativas, envolvendo estupros e sequestros. Além disso, uma vez situados na fronteira mexicana, estes migrantes retornam a um cenário de vulnerabilidades sistêmicas que pode se estender por anos.

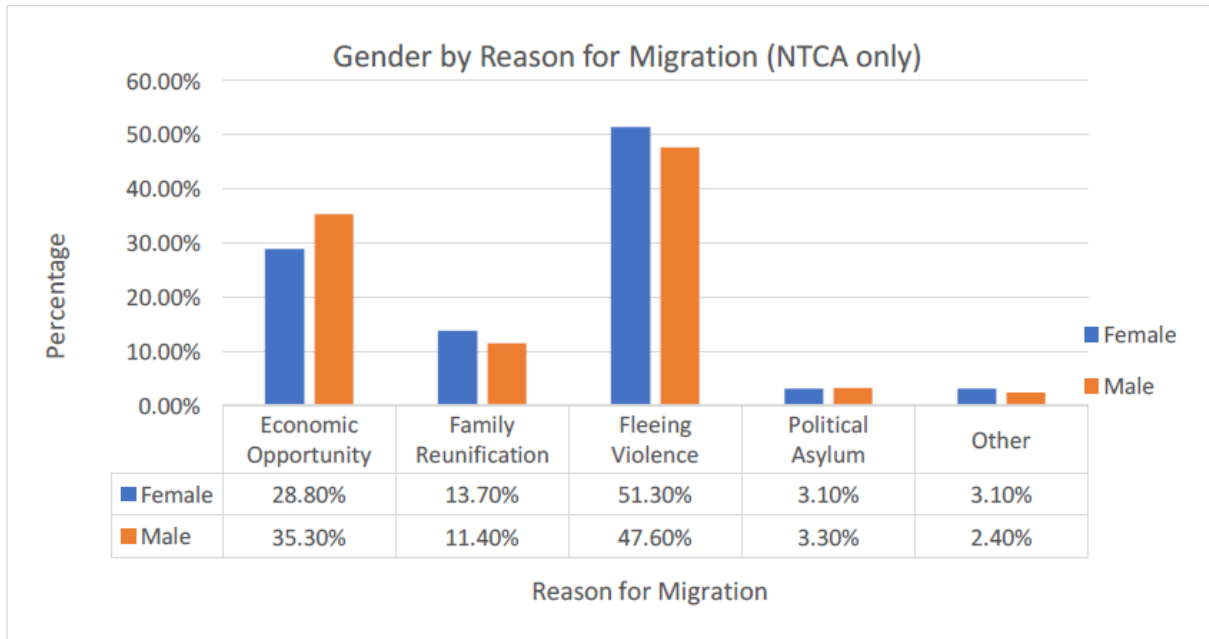
4) ESTUDO DE CASO

Aqui, analisamos os caminhos percorridos e recorrentes nas trajetórias das mulheres centroamericanas. Para construção deste estudo, pretende-se adotar como base os relatos das mulheres centroamericanas, tendo em vista as rotas mais conhecidas e utilizadas, tratando as peculiaridades das jornadas bem como as violações vivenciadas e midiaticamente divulgadas. Pretende-se abordar as violações de gênero que perpassam a experiência das mulheres desde seus países de origem até a fronteira sul dos Estados Unidos, pensando nos desafios particulares ao grupo em questão.

Em relação aos desafios enfrentados nos países de origem, é possível dizer que o contexto se faz muito desafiador devido à presença de gangues locais, organizações criminosas e desafios econômicos. Todavia, faz-se necessário mencionarmos também a intensa violência de gênero. De acordo com o UNODC (2019), a América Central conta com a maior taxa de feminicídios das Américas. El Salvador está no topo da lista, com 10,2 feminicídios a cada 100 mil habitantes - a taxa aumentou 8 vezes entre 2012 e 2016. Em Honduras, a taxa é de 5,8 e na Guatemala, a taxa é de 2,6 (ECLAC, 2018, p. 18).

Uma pesquisa realizada pela Universidade de Washington em parceria com a organização não governamental El Rescate (2017), baseada em mais de mil relatos coletados entre 2013 a 2016, mostra uma tendência para a violência de gênero quando pensamos no contexto doméstico dos países do Triângulo Norte. Como o estudo demonstra, a taxa de mulheres que declararam ter deixado seus países devido à violência foi maior que a do gênero masculino. É possível visualizar este comparativo a partir do gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Razões para Migração por Gênero



Fonte: MURPHY, M. A. et al. *The Cycle of Violence: Migration from the Northern Triangle*. University of Washington; El Rescate; UW Information School: Task Force Report, 2017, p. 1-74.

Como afirma Gillian Triggs, do Alto Comissário de Proteção atuante no ACNUR, “é inaceitável que a violência baseada em gênero continue a tirar mulheres e meninas de suas casas e ainda constituir um risco importante ao longo do deslocamento” (ACNUR, 2021). No contexto doméstico dos países de origem, os desafios estão relacionados à presença massiva das gangues, as quais frequentemente têm como alvo as mulheres e meninas, forçando-as a escravidão sexual. Integrantes destes grupos utilizam a violência sexual como chantagem para forçar famílias a ingressarem em atividades ilícitas, visando com isso a manutenção do medo e controle social. Segundo o ACNUR (2021),

quando mulheres e meninas são percebidas como tendo vínculos com uma determinada gangue, elas podem ser alvo de rivais. Mulheres e meninas também podem sofrer abusos e estupros, ou até mesmo serem mortas como parte dos ritos de iniciação de gangues.

As violências de gênero não deixam de ser uma realidade ao longo da travessia que estas mulheres fazem rumo aos Estados Unidos. Como aponta Gretchen Kuhner (2015), diretora do *Instituto para las Mujeres en la Migración A.C.* (Inmumi), as migrantes, provenientes em sua maioria da Guatemala, Honduras e El Salvador, entram no território

mexicano principalmente por Soconusco (Chiapas) e, em seu trajeto, são vítimas de diversas formas de violência, como discriminação, extorsões, sequestro, exploração sexual e desaparecimentos forçados.

Sujeitas a grupos não estatais, as mulheres se veem submersas em uma rede de exploração por criminosos e coiotes, para os quais muitas vezes elas pagam milhares de dólares, na expectativa de que estes as levem em segurança para os Estados Unidos. Segundo uma pesquisa publicada em 2016 pelo *International Crisis Group*, nem sempre este cenário foi assim. De acordo com migrantes veteranos, “há uma década [ou seja, 2006] era possível contratar apenas um guia para atravessar a fronteira dos EUA. Hoje, cruzar o México requer uma rede de guias e informantes, capazes de superar obstáculos lícitos e ilícitos” (ICG, 2016, p. 10).

Por si só, a sofisticação e intensificação dos controles impõem desafios complexos para as migrantes. Neste emaranhado de atores, elas se encontram à mercê da imprevisibilidade dos coiotes e dos fiscalizadores estatais. Estes podem abusar, sequestrar, extorquir e traficar estas mulheres, ou ainda abandoná-las. Uma das entrevistadas por Olmedo e Sampó (2021, p. 9) relata que foi abandonada pelo coiote que estava guiando seu grupo, o qual ficou perdido no deserto por cinco dias e apenas conseguiram se salvar porque encontraram outro grupo em situação similar. Todo este contexto releva a marginalidade em que estas mulheres realizam suas travessias, expostas a condições precárias e riscos diversos. A própria realização da pesquisa se mostra difícil, visto que muitas vezes a migração é feita sem registro, complexificando o monitoramento dos casos e violações.

Abaixo, pode-se ver uma tentativa de fuga devido à uma operação dos agentes fiscalizadores, evidenciando a vulnerabilidade e o medo da deportação ou eventuais violações por parte destes.

Imagem 1 – Migrantes tentando fugir após uma incursão policial



Fonte: BBC (2019)

Além de violências físicas e sexuais, as quais deixam sequelas irreparáveis, causando traumas por toda vida, é importante apontarmos para os casos de violações patrimoniais. Uma notícia publicada pelo jornal britânico *The Guardian* (2019) revela os esquemas de extorsão realizados no país, no qual a mercadoria contrabandeada é o próprio migrante.

Como qualquer empresário, os coites estão cientes das mudanças na oferta, demanda e regulamentação. Isso significa que os preços para adultos solteiros viajando de Huehuetenango (Guatemala) para os EUA praticamente dobraram nos últimos dois anos e agora chegam a US\$ 10.400 – um reflexo de subornos mais altos para autoridades e grupos criminosos mexicanos ao longo da rota.

Notícias mais recentes revelam uma mudança neste preço. Uma entrevista divulgada em 2022 realizada com um coite atuante no território mexicano mostra que a viagem hoje de algum país do Triângulo Norte até os Estados Unidos varia entre US\$ 9.000 e US\$ 12.000 dólares por pessoa, chegando a US\$ 12.000 até US\$ 25.000 se considerado demais integrantes da família (RAMOS, 2022).

Os pagamentos são feitos aos poucos, por trajetos. A cada fronteira, os coites exigem 10% do valor. Ao chegar em Veracruz, cidade localizada ao sul do Estado Mexicano, se pede cerca de 15%, depois na Cidade do México se pede o restante até cerca de 50%. E da Cidade do México até a fronteira seguinte se pede os outros 50%. Isso para

que se possa levá-los até Dallas, no Texas. O dinheiro, por sua vez, é depositado pelos parentes que ficam nos Estados Unidos ou nos países de origem. Geralmente, de acordo com o relato deste coioote, os migrantes carregam pouco dinheiro.

Nesse sentido, é interessante observar as relações de favorecimento mútuo entre os contrabandistas e as autoridades mexicanas neste contexto de exploração e vulnerabilidade migrante. Ambos atuam de forma articulada para explorar as mesmas pessoas, as quais não dispõem de nenhum veículo de denúncia e apoio, tendo em vista a contínua desconfiança até mesmo daqueles que deveriam os proteger.

Como já exposto, ao longo do território mexicano, as violações ocorrem com frequência partindo de diferentes atores. Todavia, este contexto não se altera à medida que se atinge a fronteira mexicana com os Estados Unidos. Nesta, mulheres e meninas migrantes são vítimas de agressões sexuais que em geral passam sem denúncia, sem investigação e sem processo (FOLHA DE S. PAULO, 2019)

Além dos atores não estatais, as mulheres também estão sujeitas às violações perpetradas por funcionários do Estado, os quais também as agridem sexualmente. Resignadas, as mulheres se veem de mãos atadas, pois o Estado que deveria protegê-las, as agride. O fato de estarem indocumentadas torna a situação mais complexa, fazendo com que as mulheres não denunciem os abusos com medo de serem deportadas.

De acordo com o relatório da organização Médicos Sem Fronteiras (2020), a cidade mais alarmante do território mexicano é Nova Laredo, onde se “pode sair dos albergues apenas porque os seguranças vigiam as entradas”. Como consta no documento, mulheres grávidas relataram à equipe da organização que preferem não sair do albergue para ir ao hospital, devido ao temor de que sejam sequestradas e ponham em perigo sua saúde e a do bebê. No entanto, dada à exposição dos abrigos e possíveis agressões dentro do próprio sistema, não raro as mulheres evitam utilizar a rede. Gretchen Kuhner (2015), diretora do *Instituto para las Mujeres en la Migración A. C.*, explica que as mulheres migram de forma mais clandestina do que os homens, com o objetivo de ter maior “proteção”.

Ainda assim, elas encontram-se sujeitas a violações praticadas transversalmente tanto por contrabandistas quanto por membros da patrulha de fronteira, agentes do serviço de alfândega dos Estados Unidos e também de policiais. Na fronteira México-EUA são registrados muitos casos de estupro, que muitas vezes tem por consequência gestações indesejadas. É o que relata uma mulher guatemalteca que cruzou para os Estados Unidos em 2014 após ser conduzida ao país por contrabandistas. Segundo ela, os homens a quem

ela pagou a mantiveram trancada durante semanas em um quarto e a estupraram repetidas vezes (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

São muitas histórias como esta, que revelam um cenário estrutural de vulnerabilidade e invisibilidade de tais mulheres, que se veem à mercê de diversos atores. Como reportado pela Folha de S. Paulo (2019),

mulheres sem documentos chegam às cidades de fronteira dos Estados Unidos depois de serem surradas por desobedecer os contrabandistas de pessoas, depois de serem engravidadas por desconhecidos, forçadas a se prostituir, agrilhoadas a camas e árvores, e —em pelo menos alguns casos— imobilizadas com o uso de fitas adesivas, cordas ou algemas.

Chantageadas sob ameaças de deportação, as mulheres não denunciam os casos de violação. Elas relatam agressões por parte dos contrabandistas para os quais elas pagam por suas travessias, mas também por parte dos membros da patrulha de fronteira e do serviço de alfândega dos Estados Unidos.

5) CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma análise histórica da relação entre México e Estados Unidos, constatou-se que o primeiro tem se estruturado desde os anos 1990 enquanto uma “fronteira vertical”, barrando ao longo do território os migrantes que visam chegar aos EUA. A partir de uma metodologia qualitativa baseada em uma extensa revisão bibliográfica, a pesquisa mostra ainda uma exacerbação deste cenário em meados de 2009 em diante devido ao aumento dos obstáculos lícitos e ilícitos para realização dos cruzamentos, o que teve como consequência a maior presença de coiotes.

Diante de toda esta militarização das fronteiras e intensificação dos atores ilícitos, os maiores prejudicados são aqueles que cruzam, de maneira precária, o território. As maiores vítimas desse contexto, como o estudo evidencia, são as mulheres migrantes, entranhadas neste ciclo de abusos não ditos, cercadas de ameaças por parte dos agentes estatais, coiotes e criminosos, os quais se configuram enquanto perpetuadores da violência de gênero a partir de lugares diferentes, porém de formas parecidas. Conforme o estudo argumenta, conforme as fronteiras tornam-se mais militarizadas, mais rotas alternativas são procuradas. Isso porque existe um medo da deportação e das violações estatais, tendo em vista todo histórico securitizador do Estado. Estas rotas alternativas procuradas mostram-se precárias e marginalizadas. Elas também contam com a presença massiva de atores ilícitos, como os coiotes, que utilizam deste contexto, muitas vezes, para praticar diversos tipos de violações contra os migrantes, como extorsões, abusos sexuais, violências físicas, entre outros. Sem ter a quem recorrer neste cenário precário, aqueles que cruzam se veem à mercê das situações.

O estudo também demonstra que a intensificação das políticas de contenção por meio do fortalecimento de fronteiras nacionais e aumento nas deportações não restringem as operações de tráfico e contrabando de migrantes. Estas práticas, pelo contrário, têm levado a um aumento nos níveis de violência e extorsão, fazendo com os migrantes de modo geral paguem cada vez mais caro pelas suas travessias. Em relação às mulheres, a situação é ainda mais problemática, devido às violações sexuais, chantagens, possibilidade de sequestro e assassinato, que ocorrem de forma mais recorrente se comparado aos homens. Logo, o trajeto para as mulheres migrantes chegarem no seu local de destino apresenta maiores obstáculos e desafios por causa do seu gênero.

6) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR. Central America's displacement crisis aggravated by COVID-19. Geneva, 15 de maio de 2020. Disponível em:

<<https://www.unhcr.org/news/briefing/2020/5/5ebe47394/central-americas-displacement-crisis>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.

_____. México Factsheet: Highlights. [S.I.], fev. de 2017. Acesso em: 17 de jun. de 2022.

_____. Situación del Triangulo Norte de Centroamérica. Atualização da situação do TNC, [S.I.], fev. 2017. Acesso em: 07 de set. de 2022.

_____. UNHCR urges more effective action against gender-based violence in the north of Central America. [S.I.], 06 dez. 2021. Disponível em:

<<https://www.unhcr.org/news/press/2021/12/61ae0e8a4/unhcr-urges-effective-action-against-gender-based-violence-north-central.html>>. Acesso em: 05 nov. 2022.

AGIER, Michel. Refugiados diante da nova ordem mundial. São Paulo: Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n.2, p. 197-215, nov. 2006.

ARGUELLO, M. F. P.; COUCH, B. Violence against women driving migration from the Northern Triangle. [S.I.], Atlantic Council, 2 de nov. de 2018. Disponível em: <<https://www.atlanticcouncil.org/blogs/new-atlanticist/violence-against-women-driving-migration-from-the-northern-triangle/>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

BBC News. Migrant caravan: Mexico detains hundreds in raid. [S.I.], 24 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-latin-america-48036092>>. Acesso em: 04 set. 2022.

_____. New York City declares emergency over migrant 'crisis'. [S.I.], 07 de out. de 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-63177892>>. Acesso em: 08 de out. de 2022.

_____. Kamala Harris tells Guatemala migrants: 'Do not come to US'. [S.I.], 08 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-57387350>>. Acesso em: 02 de nov. 2022.

CAMPBELL, H.; SLACK, J. On Narco-coyotaje: Illicit Regimes and Their Impacts on the US-Mexico Border. Texas: Sociology and Anthropology, University of Texas. Revista Antipode, v. 48, n. 5, p. 1380–1399, 2016.

CANTALAPIEDRA, E T. Mujeres migrantes en tránsito por México. La perspectiva cuantitativa y de género. Revista de Estudios de Género. La Ventana, n. 54, Julho - Dezembro 2021, pp. 209-239.

_____.; NAVA, D. M. M. Crossing borders: migratory strategies in transit of participants in migrants caravans. Estudios Fronteirizos, v. 21, p. 1-21, 2020.

CASILLAS, R. R. Pollero, coyote y traficante de migrantes: Juntos pero no iguales. Propuesta básica para distinguirlos. Cidade do México, mar. de 2016.

CASTLES, Stephen. Entendendo a migração global: Uma perspectiva desde a transformação social. Brasília: Rev. Inter. Mob. Hum., ANO XVIII, n. 35, p. 11-43, jul./dez. 2010.

Compromisso e Atitude. Mulheres migrantes são vítimas de diversas formas de violência. Publicado originalmente por Adital em 27 de jul. de 2015. Disponível em: <<https://www.compromissoeatitude.org.br/mulheres-migrantes-sao-vitimas-de-diversas-formas-de-violencia-adital-27072015/>>. Acesso em: 30 de maio de 2022.

COVARRUBIAS, H. M. No vale nada la vida: éxodo y criminalización de migrantes centroamericanos en México. In: Migración y Desarrollo, v. 13, n. 25, jun-dez 2015.

DOMENECH, Eduardo; DIAS, Gustavo. Regimes de fronteira e "ilegalidade" migrante na América Latina e no Caribe. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 22, n. 55, set-dez 2020, p. 40-73.

ESTÉVES, Ariadna. El dispositivo necropolítico de producción y administración de la migración forzada en la frontera Estados Unidos-México. *Estudios Fronterizos*, v. 19, 2018, p. 1-18.

Fronteira do México com EUA é pesadelo de violência sexual para mulheres. *Folha de São Paulo*, 7 mar. 2019. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/fronteira-do-mexico-com-eua-e-pesadelo-de-violencia-sexual-para-mulheres.shtml>>. Acesso em: 29 maio 2022.

GARCÍA, C. S. No más muros: Exclusión y migración forzada en Centroamérica. Costa Rica, Instituto de Investigaciones Sociales, Edit. UCR, 2015.

GUIMARÃES, Thayz. Relatório aponta crescimento da violência contra imigrantes centro-americanos no México. *O Globo*. Rio de Janeiro, 11 de fev de 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/relatorio-aponta-crescimento-da-violencia-contra-imigrantes-centro-americanos-no-mexico-24241216>>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

International Crisis Group. Easy Prey: Criminal Violence and Central American Migration. [S. I.], *Latin America Report*, n. 57, p. 1-35, 28 jul. 2016.

KINOSIAN, Sarah. The booming business for smuggling people to the US: 'Everyone wins'. *The Guardian*, 8 abr. 2019. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/us-news/2019/apr/08/the-booming-business-for-smuggling-people-to-the-us-everyone-wins>>. Acesso em: 30 de maio de 2022.

MARTUSCELLI, P. N. Rumo à securitização das migrações nas Américas? Perspectivas da América Latina e do Sul. Rio de Janeiro: R. Esc. Guerra Naval, v. 22, n. 1, p. 115 – 142, jan./abr. 2016.

MEYER, Lorenzo. The United States and Mexico: The historical structure of their conflict. México: Journal of International Affairs, v. 43, n. 2, p. 251-271, 1990.

MOREIRA, J. S. Violência contra migrantes no México. Goiânia, Coleção Expressão Acadêmica, Editora UFG, 2^a ed., 2021, p. 1-258. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/MOR.vio.ebook.978-65-86636-10/2021>> . Acesso em: 7 de set. de 2022.

MURPHY, M. A. *et al.* The Cycle of Violence: Migration from the Northern Triangle. University of Washington; El Rescate; UW Information School: Task Force Report, 2017, p. 1-74.

Nações Unidas. ACNUR pide crear un mecanismo para coordinar los desplazamientos de personas en México y América Central. Publicado em: 2 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://news.un.org/es/story/2021/12/1500862>. Acesso em: 04 de set. 2022.

OETTLER, A. Guatemala in the 1980s: A Genocide Turned into Ethnocide? GIGA Research Program: Violence and Security Cooperation, n. 19, mar. 2006

OIM. Informe sobre las migraciones en el mundo 2020. Suíça, nov. de 2019. Disponível em: <<https://publications.iom.int/books/informe-sobre-las-migraciones-en-el-mundo-2020>>. Acesso em: 03 de set. de 2022.

OLIVEIRA, E. L. S. Imigração x Segurança: A securitização da Imigração Pós-11 de Setembro e o Aumento do Controle Migratórios nos EUA. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Sociologia, p. 1-60, out., 2014.

OLMEDO, C. A.; SAMPÓ, C. The case of migrant women from the Central American Northern Triangle: How to prevent exploitation and violence during the crossing. [S. I.], Revista Brasileira de Política Internacional, v. 64, n. 2, p. 1-17, 3 ago. 2021.

OROZCO, M. Central American Migration: Current Changes and Development Implications. Washington: The Dialogue - Leadership for the Americas, p. 1-16, nov., 2018.

PRIETO, G. D; Kuhner, G. Un viaje sin rastros: Mujeres centroamericanas migrantes que transitan por México en situación irregular. -- 1a ed. -- México, D.F. : H. Cámara de Diputados, LXII Legislatura. Conselho Editorial : Instituto para las Mujeres en la Migración A.C. : 4ta. Editores S.A. de C.V., 2015

POMBO, M. D. P. El reinicio del programa Quédate en México o Protocolos de Protección al Migrante. Observatorio de Legislación y Política Migratoria, 11 de jan. de 2022. Disponível em: <<https://observatoriocolef.org/boletin/el-reinicio-del-programa-quedate-en-mexico-o-protocolos-de-proteccion-al-migrante/>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.

RAMOS, Jorge. ‘Coyote’ explica el proceso para cruzar la frontera de EEUU. El Nuevo Herald, 25 jan. 2022. Disponível em: <<http://www.elnuevoherald.com/opinion-es/opin-col-blogs/article257704553.html>>. Acesso em: 07 nov. 2022.

Relatório de MSF mostra que políticas migratórias de EUA e México aumentam riscos à saúde e segurança de migrantes e refugiados. Médicos Sem Fronteiras, 11 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.msf.org.br/noticias/relatorio-de-msf-mostra-que-politicas-migratorias-de-eua-e-mexico-aumentam-riscos-saude-e/>>. Acesso em: 06 jun. 2022.

ROBINSON, W. I. The Second Implosion of Central America. Truthout, jan. 2019. Disponível em: <<https://truthout.org/articles/the-second-implosion-of-central-america/>>. Acesso em: 30 nov. 2022.

SPRIMONT, D. "Un violador en tu camino": voici les paroles en français du chant féministe chilien devenu hymne mondial. France Inter, 10 dez. 2019.

VARELA HUERTA, Amarela. “Luchas migrantes”: un nuevo campo de estudio para la sociología de los disensos. *Andamios - Revista de Investigación Social*, v. 12, n. 28, p. 145-170, 2015.

_____; MCLEAN, Lisa. Caravanas de migrantes en México: nueva forma de autodefensa y transmigración. *Revista CIDOB d'Afers Internacionals*, n. 122, p. 163-185, 2019.

WIESNER, Martha R.; BASOK, Tanya. “Legalidad ilegal” y precariedad: la perspectiva desde el sur de México. *Sociologias*, v. 22, n. 55, p. 74-103, 2020. Disponible em: <<http://doi.org/10.1590/15174522-101813>>. Acceso em: 07 de set. de 2022.

Why more undocumented migrants are reaching America. *The Economist*, 16 mar. 2019. Disponible em: <<https://www.economist.com/united-states/2019/03/16/why-more-undocumented-migrants-are-reaching-america>>. Acceso em: 27 de maio de 2022.